

OBJETIVOS E REALIZAÇÕES DE ANNA KOMNENA A PARTIR DA OBRA *ALEXÍADA* (SÉCULOS XI E XII)

GOALS AND ACHIEVEMENTS OF ANNA KOMNENE IN *THE ALEXIAD* (11TH AND 12TH CENTURIES)

Bárbara Letícia Chimentão¹

Resumo: O presente trabalho se propõe a analisar a obra *Alexíada* escrita em 1148 por Anna Komnena (1083-1153). A autora relata os feitos de seu pai, o imperador bizantino Aleixo I Comneno (1081-1118) que governou em um contexto de constantes batalhas. A situação política do império bem como a biografia da princesa serão apresentadas a partir da análise da bibliografia pesquisada e das informações contidas na fonte. Objetivamos entender quais foram os recursos utilizados pela princesa ao escrever seu discurso e que objetivos possuía ao compô-lo. A trajetória da autora auxilia nessa reflexão, tornando possível traçar paralelos entre seu discurso laudatório à figura do pai e seu desejo de se tornar imperatriz. Além disso, é possível constatar sua erudição; a princesa foi uma grande estudiosa da literatura Clássica e se apresentou como uma historiadora, questão que é debatida pela historiografia contemporânea.

Palavras-chave: Império Bizantino; *Alexíada*; Anna Komnena.

Abstract: This study aims to analyze *The Alexiad* written in 1148 by Anna Komnene. The author relates the deeds of her father, the Byzantine emperor Alexius I Komnene (1081-1118), who ruled in a context of constant battles. The political situation of the empire and the princess' biography will be presented based on the analysis made from the researched bibliography and based on the information from the textual source. We aim to understand what were the resources used by the princess to write her speech and what were her goals in composing it. The

¹ Estudante do 7º período de História - Bacharelado e licenciatura na UFPR. Bolsista de Iniciação Científica, projeto orientado pela Prof.^a Dr.^a Marcella Lopes Guimarães.

trajectory of the author helps in this reflection, making it possible to draw parallels between her laudatory speech to the father figure and her desire to become empress. In addition, it determines her erudition; the princess was a great scholar of Classical literature and introduced herself as a historian – a point that is discussed by contemporary historiography.

Keywords: Byzantine Empire; Alexiad; Anna Komnene.

Introdução

A obra *Alexíada*, escrita por Anna Comnena, filha do imperador Aleixo I Comneno (1081-1118), é concebida como uma importante fonte sobre o Império Bizantino. Quem iniciou a escrita da obra foi o esposo de Anna – Nicéforo Briênio – a mando da mãe da princesa – Irene Ducas – que desejava registrar os feitos de Aleixo I Comneno. Briênio escreveu os fatos ocorridos entre os anos de 1071 e 1079. Porém, seu falecimento em 1137 interrompe a escrita da obra o que impulsionou Anna a dar continuidade a essa narrativa. A obra apresenta acontecimentos desde o ano de 1069, quando Aleixo era ainda um jovem de 14 anos, passando pela sua ascensão ao trono em 1081, e até sua morte em 1118, quando é sucedido pelo filho João II Comneno.

Inicialmente serão apresentados temas indispensáveis para a compreensão dessa narrativa, como o contexto do século XI, a biografia de Anna Comnena e sua posição como erudita e mulher na sociedade bizantina. É preciso lembrar que Anna Comnena não escreve apenas os feitos de um imperador, mas as obras de seu pai, daquele de quem poderia ter herdado o trono imperial. Portanto, é preciso entender primeiramente quem foi Anna Comnena e como ela atua nesse contexto a fim de

fazer uma leitura crítica de seu texto, pois para evocar as intenções de uma personagem histórica que viveu há mais de novecentos anos é necessário não apenas analisar sua produção escrita, mas também retomar suas relações com aqueles que conviveram com ela ou fizeram parte de suas lembranças.

Em seguida, serão discutidos alguns aspectos historiográficos contemporâneos sobre a obra para que se possa refletir sobre os possíveis objetivos que a autora possuía com a composição de sua obra e a maneira pela qual a historiografia interpreta o fato da princesa se denominar uma historiadora.

O Império Bizantino no século XI

Uma forte disputa de poder entre burocratas (civis) e generais das províncias (militares) abalava as estruturas de poder do Império Bizantino. O desenvolvimento do sistema das *themes*² e os sucessos das armas bizantinas nos séculos X e XI deram poder a classe dos militares que buscou neutralizar a hegemonia dos burocratas. Tais abalos políticos somados à diminuição da incidência de leis restritivas à aquisição de terras aos aristocratas das províncias possibilitam que estes “cresçam em silêncio” e comecem a alcançar um papel preponderante, marcando o avanço bizantino ao Oriente. Diversas famílias originaram-se desses grupos provinciais, entre elas a família dos Comnenos que se desenvol-

² Sistema de *themes*: também denominado de *temas*, refere-se às divisões administrativas que organizaram o Império Bizantino desde o século VII. Esses territórios originaram-se a partir de acampamentos do exército bizantino que se organizavam na proteção das fronteiras.

veu na aldeia de Comné, nos arredores de Andrinopla, adquirindo grandes propriedades na Ásia Menor, próximo a Kastemon (atual Kastamuni) (WALTER, 1970: 65-69; VRYONIS, 1980: 128-129).

A batalha de Manzikert, em 1071, foi a causa da migração de tais famílias da aristocracia provincial da Ásia Menor, onde detinham poder, em direção a Constantinopla. Tal migração ocorreu devido à derrota do exército bizantino frente aos turcos seldjúcidas que aos poucos ocuparam a Ásia Menor. Diversas dessas famílias migrantes buscaram manter seu poder ao se estabelecerem em Constantinopla, porém, apenas a família dos Comnenos, na figura de Aleixo Comneno, através de um golpe que depôs o imperador Nicéforo III Botaniates, alcança o poder imperial.

Aleixo I inicia seu governo repleto de enfrentamentos para proteger suas fronteiras. De acordo com o historiador Steven Runciman, os dois imperadores que o antecederam – Miguel VII e Nicéforo III Botaniates – utilizaram-se dos turcos como mercenários, isso deu livre acesso a esse grupo às terras bizantinas. A vulnerabilidade das terras da Ásia Menor facilitou o alojamento dos turcos que fundaram Estados independentes na região sem o consentimento imperial (RUNCIMAN, 1954: 67-68).

Aleixo I experimentou diversos dissabores em suas relações com os normandos da Sicília. Os normandos almejavam conquistar a fértil região de Tessalônica. Seu líder, Roberto Guiscardo, invade a costa de Dirráquio em 1081. O imperador precisava de reforços, o exército bizantino estava fragilizado, então busca apoio dos turcos do Oriente e,

em especial, dos venezianos que também temiam o avanço normando, pois Guiscardo intentava dominar ambas as margens da entrada do Adriático o que significava perda de poder marítimo veneziano (VRYONIS, 1980: 144; WALTER, 1970: 127). Em troca de apoio militar, Aleixo I garantiu privilégios comerciais aos venezianos: os mercadores poderiam comprar e vender em todo o território bizantino sem ter que pagar impostos alfandegários ou pelo estacionamento e descarga de suas embarcações. Reservam-lhes cais particulares e ainda um bairro especial em Constantinopla (WALTER, 1970: 128-129). Vryonis considera que tais medidas foram prejudiciais para os bizantinos, pois o comércio de transportes transitou das mãos dos gregos para os venezianos, além dos cofres do Estado deixarem de receber o produto do negócio mais lucrativo do império (VRYONIS, 1980: 150).

Os cofres imperiais estavam vazios, então, além da ajuda dos venezianos, Aleixo precisou confiscar os bens da Igreja para conseguir recursos a fim de combater os normandos. A Igreja era um departamento do Estado, o imperador possuía poder sobre ela, de tal forma que permitiu que até mesmo objetos de ouro presentes nos templos fossem fundidos para formar parte do tesouro (RUNCIMAN, 1961: 85).

Em 1082, após diversos enfrentamentos, Guiscardo é forçado a regressar à Itália, o que significou uma pequena pausa nas batalhas. No entanto, os problemas com os normandos não haviam cessado. Mesmo com a morte de Roberto Guiscardo em 1085, seu filho Boemundo de Tarento dá continuidade às batalhas e consegue derrotar duas vezes os bizantinos que tiveram que pedir ajuda a venezianos e turcos. Conse-

guindo derrotá-lo somente em 1108, Aleixo I impõe ao normando um tratado humilhante – o Tratado de Devol – que impôs a Bohemundo receber Antioquia como feudo doado por Aleixo, e tornar-se um vassalo do imperador (DIEHL, 1961: 172; RUNCIMAN, 1954: 74).

Outro foco de conflito eram os petchenegues. Por volta de 1086, aliados ao emir turco de Esmirna, os petchenegus instalaram-se no Danúbio e nos Bálcãs onde resistiram a todas as tentativas de aculturação e cristianização. Porém, com o auxílio dos cumanos, o imperador conseguiu exterminar essa tribo nômade (RUNCIMAN, 1954: 74; VRYONIS, 1980: 144).

Segundo o historiador Louis Bréhier, entre 1081-1095, às vésperas das cruzadas, Aleixo I consegue conter a desagregação do império. Desiste de recuperar a Itália e busca novas estratégias para reconquistar a Ásia Menor. Internamente, com o intuito de manter o apoio do partido militar (que o elevou ao poder) cria novas dignidades e títulos, muitos dos quais foram oferecidos a seus parentes (BRÉHIER, 1955: 258).

Mesmo contendo as ameaças externas, Aleixo I possuía poucos soldados, pois os centros de recrutamento na Anatólia estavam desorganizados devido à presença dos turcos seldjúcidas. O imperador dependia de mercenários. Sua política com o Ocidente poderia lhe ser útil para recrutá-los. Em razão disso, em 1095, envia alguns de seus ministros ao primeiro grande concílio do pontificado do papa Urbano II. O pontífice estava disposto a disponibilizar homens a Aleixo I, porquanto seu programa previa canalizar as forças dos cavaleiros longe de suas terras e

persuadi-los a reconquistar Jerusalém por um “dever cristão” (RUNCIMAN, 1954: 102).

A historiadora Fátima Fernandes argumenta que Aleixo I recebeu os ocidentais de maneira desconfiada, principalmente porque entre eles encontravam-se os normandos que, como citado, haviam empreendido invasões aos territórios bizantinos. Mesmo com tal desconfiança o imperador consegue, inicialmente, um juramento de fidelidade dos cavaleiros, que recuperam alguns territórios que estavam em mãos dos seldjúcidas e os devolvem ao imperador. Porém, muitos desses cavaleiros ambicionavam Constantinopla tanto quanto o Santo Sepulcro o que gerou disputas dentro da Cristandade (FERNANDES, 2006: 112-113).

Outro conflito perturbador ao poder imperial, mas que nesse caso resultou na afirmação de Aleixo I como defensor da ortodoxia, foi o enfrentamento dos hereges bogomiles. A heresia era um crime contra o Estado, quem punia esse crime, portanto, era o imperador, não o patriarca. As punições eram severas, mas só eram impostas contra os que eram politicamente perigosos. Tal foi o caso dos bogomiles, grupo que pregava a desobediência ao Estado. Aleixo I julga-os em praça pública e manda executar seu líder – Basílio – instalado na capital (RUNCIMAN, 1961: 104).

O nascimento de Anna Comnena

A partir da leitura da fonte grande parte da vida de Anna Comnena pode ser examinada, uma vez que a autora mescla aos relatos sobre os feitos de seu pai, dados autobiográficos. Algumas informações sobre

a vida da princesa que não constam na *Alexíada* foram escritas pelo historiador bizantino Niceta Coniata (c.1150- c.1217) que viveu na corte no contexto da Quarta Cruzada (1202-1204) (MARINELLA, 2004).

Anna relata seu nascimento como um acontecimento maravilhoso, pois era a filha primogênita dos imperadores. Segundo a princesa, sua mãe, Irene Ducas, fez um sinal da cruz sobre o ventre pedindo à filha que esperasse para nascer até que seu pai retornasse. Aleixo I, já imperador, encontrava-se fora de Constantinopla, em batalha contra o normando Roberto Guiscardo. Dois dias depois do pedido da mãe (02/12/1083), quando Aleixo já se encontrava em Constantinopla, Anna vem ao mundo. A autora ressalta que nascera muito parecida com o pai. A realização do pedido de Irene é justificada pela princesa como prova do carinho que sempre teve pelos pais (COMNENA, VI, VIII, 1-3).

Anna Comnena exalta o fato de ter nascido na Sala Púrpura e ser, portanto, *porfirogênita*. O termo *porfirogênito* tem origens no governo de Leão III que, buscando reforçar a ideia de uma dinastia imperial, cria o termo para legitimar o poder de seu filho Constantino V. O termo passa a ser um privilégio concedido a crianças que nasciam enquanto o pai fosse imperador (FEATHERSTONE, 2008: 505). Segundo Runciman “O sobrenome de Porfirogênito, dado aos filhos da imperatriz, cujos partos ocorriam sempre na Câmara Púrpura do palácio, aparentemente não significava uma posição oficial, embora seu prestígio fosse enorme” (RUNCIMAN, 1961: 69).

Poucos dias depois de nascer, Anna torna-se noiva de Constantino Ducas aristocrata descendente de imperadores: filho de Miguel VII

(1071-1078) e neto de Constantino X (1059-1067). Aleixo I, através de um tratado, garante os direitos de Constantino Ducas, associa-o ao trono de Constantinopla e eleva-o como legítimo herdeiro do trono. Assim, o casamento de Anna e Constantino Ducas tinha a função de colocar o casal, futuramente, no trono bizantino. Destarte, Anna foi educada para se tornar uma futura imperatriz. Contudo, seu irmão João Comneno nasce (entre 31/ago/1088 e 01/set/1087) quando a princesa possuía cinco anos de idade, tomando a frente na sucessão imperial. Rolando coloca como ponto de destaque na vida de Anna Comneno sua frustração por não ter alcançado o trono imperial, a princesa reservou grande ódio a seu irmão João II Comneno (ROLANDO, 1989: 11).

Para maior desilusão da filha de Aleixo I, Constantino Ducas morre em 1094. Então, em 1097 ou 1099, Anna se casou com Nicéforo Briênio, descendente de um antigo pretendente ao trono e rival de Aleixo I: Nicéforo Botaniates. Conforme explica Rolando:

A eleição deste homem como marido de Anna demonstrava claramente que a *porfirogênita* havia passado de herdeira do trono a sujeito de um papel mais de acordo com o que se esperava de uma mulher dessa alcunha em Bizâncio, isto é, uma peça a mais que mover no jogo da diplomacia, já que estas medidas desejavam atrair o setor que sustentou a família Briênio em seus planos para alcançar o mando do império³ (ROLANDO, 1989: 14).

³ “La elección de este hombre como marido de Anna demonstraba claramente que la porfirogéneta había pasado de ser heredera del trono a sujeto de un papel más acorde con lo que esperaba de una mujer de esta alcurnia en Bizancio, esto es, una pieza más que mover el juego de la diplomacia, ya que con estas medidas se deseaba atraer el sector que sustentó a la familia Briênio en sus planes para alcanzar el mando del imperio”. [Trad. Nossa]

Anna vive com a família no palácio de Blaquernes até a morte do pai, quando intrigas familiares mudam o percurso dessa princesa (FEATHERSTONE, 2008: 509).

Educação

Anna Comnena apresenta ao longo de sua obra, em especial em seu próêmio, o fato de ter grande erudição em razão de seus estudos. O acesso a tais saberes foi facilitado por sua posição social, pois nem todos os bizantinos possuíam tais oportunidades de estudo.

Até os seis anos de idade a educação recebida pelos meninos provinha de sua mãe. Após essa idade, caso a família tivesse condições, a criança era confiada a um mestre-escola com o qual aprendia a ler, escrever e recebia as primeiras noções de gramática – denominada por Runciman como “helenização da língua” (processo que durava de 2 a 3 anos). Esse era o máximo de educação recebida pela maioria. Contudo, caso os pais desejassem que o filho continuasse os estudos, pelos 14 anos, o aluno passava à Retórica, sendo iniciado no ensino secundário em que melhorava a ortografia e aprendia sobre autores clássicos, principalmente Homero. Runciman explica que os alunos decoravam obras de Homero: “o resultado é que todo bizantino era capaz de reconhecer uma citação de Homero. Anna Comnena, que emprega sessenta e seis na sua *Alexíada*, raras vezes acrescenta ‘como diz Homero’ era inteiramente desnecessário”. O método consistia em recitar um texto e o mestre corrigia a pronúncia, explicava metáforas e gramática. Após os estudos

o aluno poderia seguir, de acordo com a condição da família, trabalhando como artesão, comerciante, militar ou firmar bom casamento (RUNCIMAN, 1961: 173-178; WALTER, 1970: 157-158).

Depois da Retórica, vinham a Filosofia e as quatro artes – a Aritmética, a Geometria, a Música e a Astronomia. O Direito, a medicina e a Física podiam ser acrescentados. Os bizantinos tinham a ideia que as ciências exatas deviam ser estudadas como preparação para a Filosofia. As ciências exatas eram classificadas de acordo com o *Quadrivium*: aritmética, geometria, música e astronomia. O *trivium* consistia nos estudos de gramática, lógica e retórica. As disciplinas que não se enquadravam nessa classificação, como a História Natural, a Física, a Química, recebiam a denominação geral de Física (GIORDANI, 1968: 265).

Runciman afirma que em nenhum ponto da história bizantina ocorre menção a escolas femininas, portanto, supõe que as moças das classes mais abastadas recebiam uma educação semelhante a de seus irmãos, todavia através de professores particulares em casa. No caso das moças de classe média não passavam da alfabetização (RUNCIMAN, 1961: 178). Para Alice-Mary Talbot, as meninas tinham poucas possibilidades no campo da instrução, um dos meios de instrução eram os mosteiros onde as órfãs e as noviças mais novas que pensavam em tomar votos recebiam lições de tipo mais regular. A autora explica que de modo geral as meninas bizantinas aprendiam apenas a ler e escrever, decorar os Salmos e estudar as escrituras, todavia, algumas mulheres pertencentes à aristocracia tinham a possibilidade de continuar os estudos desenvolvendo seu aprendizado em literatura. “Só em circunstâncias ex-

cepcionais (estamos a pensar na Princesa imperial Anna Comnena), uma jovem conseguia chegar a ler uma boa variedade de escritores antigos e estudar várias disciplinas; mas também no seu caso, como refere Jorge Tornício, os pais não a encorajaram desde logo ao estudo da literatura profana” (TALBOT, 1998: 120). Segundo Rolando, em princípio, os pais de Anna Comneno lhe ofereceram uma educação exclusivamente religiosa, mas sem o consentimento dos pais, busca ajuda de um eunuco do palácio e se instruiu em gramática aos treze anos (ROLANDO, 1989: 21). Além disso, Anna é estimulada pela avó, Anna Dalassena, a fazer diversas leituras, mesmo dos clássicos, considerados literatura profana. Todas essas fontes de saber levaram Anna se tornar uma mulher de grande conhecimento, diferenciando-se da maioria das mulheres que eram destinadas apenas a ser mãe e esposa. Emilio Díaz Rolando afirma que “Anna fue educada para el mando” (ROLANDO, 1988: 23).

Anna também possuía conhecimentos em medicina que podem ser identificados na *Alexíada*. Ela formou parte do conselho médico que assistiu ao pai moribundo. As descrições dos últimos dias de Aleixo se assemelham a um informe médico (ROLANDO, 1989: 21). Os médicos precisavam conhecer os sintomas e ministrar o tratamento farmacêutico, grande parte desse conhecimento provinha dos escritos de autores clássicos, como Hipócrates, Asclepiades, Herófilo, Discórides e Galeno. Contudo, Runciman afirma que “a medicina era admirável mais pelo seu bom-senso do que pelas suas teorias”. Portanto, o ensino médico não era restrito aos futuros profissionais; amadores como Miguel Pselos e Anna

Comnena provavelmente sabiam tanto quanto os profissionais (GIORDANI, 1968: 183).

Conflitos causados pela sucessão imperial

Mesmo com o nascimento do irmão, Anna não perde as esperanças de ascender ao trono. Reserva grande parte de seu convívio com o pai pedindo para que esse mudasse de posição e reservasse a ela o direito de sucessão.

Aleixo I Comneno morre em 1118. Sobre seus últimos dias, já moribundo, há escritos de João Zonaras e Nicetas Choniates, estudiosos do século XII, que relatam que Anna e a mãe teriam implorado a Aleixo I que mudasse de ideia e concedesse o trono a Anna e a seu esposo em detrimento do irmão João (ROLANDO, 1989: 15). Mãe e filha, segundo tais fontes, odiavam João e declaravam que não permitiriam que este usasse a coroa. Na ausência das duas mulheres, João consegue introduzir-se no quarto de seu pai, que estava agonizando no palácio de Manganes, e tirar-lhe do dedo o anel imperial. Foge para o Grande Palácio onde é coroado pelo patriarca após jurar que o pai estava morto. Anna e Irene tentavam atraí-lo para fora, pedindo-lhe que assistisse aos funerais do imperador; contudo, João fica no palácio por vários dias com medo de ser assassinado. “Desta vez, pois, não são os sapatos, é a posse efetiva do palácio que o fez imperador⁴” (WALTER, 1970: 53).

⁴ Era costume entre os bizantinos que no momento da coroação fossem calçados sapatos púrpuras no novo imperador.

Ravegnani, através dos relatos de Nicetas Choniates, revela que não muito tempo depois de João II chegar ao poder, foi orquestrada uma conspiração contra o novo imperador, a fim de assassiná-lo. Nicetas denuncia que a cabeça do grupo era a Anna Comnena, mas vários indivíduos de sua família participaram do complô, inclusive seu esposo Nicéforo Briênio. No entanto, Briênio desiste do plano, desagradando a esposa: “Disse [Choniates] que Anna Comnena, furiosa, repreendeu asperamente seu marido, colocando a culpa na natureza por tê-la feito nascer mulher, Briênio homem, e não vice-versa⁵” (RAVEGNANI, 2005: 8-10). Essa desistência repentina de Nicéforo pode ser explicada por suas boas relações com o imperador João II, inclusive o seguiu em diversas campanhas, e na volta de uma delas, em 1138, faleceu, deixando sua obra sobre Aleixo I inacabada (ROLANDO, 1989: 21).

João descobre as intenções do grupo desfazendo o complô. Segundo as leis bizantinas, poderia ter condenado Anna a receber chicotadas, mutilações físicas e confisco dos bens; porém, o soberano, a conselho do grande doméstico, perdoa a irmã, mas anuncia que suas atitudes violentas e ilegais significavam o rompimento com os vínculos de parentesco. Consequentemente, Anna é condenada a viver reclusa em um mosteiro (RAVEGNANI, 2005: 8-10).

⁵ “Si dice [Choniates] che Anna Comnena, furente, avesse allora rimproverato aspramente il marito, muovendo l'accusa alla natura di aver fatto nascere lei donna, Briennio uomo, e non viceversa”. [Trad. Nossa].

Anna Comnena passa a habitar um mosteiro

No século XII, a mãe de Anna, a imperatriz Irene Ducas, fundou o mosteiro de *Theotókos Kecharitoméne* e estabeleceu diversas regras às freiras que viessem a habitá-lo (TALBOT, 1989: 133). Anna, após a tentativa de assassinato acima descrita, é condenada a passar seus últimos anos de vida nesse mosteiro (ROLANDO, 1988, 24). Irene, após o aumento de poder do novo soberano, também foi confinada com sua filha em *Kecharitoméne*. De acordo com Ravegnani, a princesa passa a viver em constante melancolia: “retornava seu pensamento aos dias felizes, aos seus entes queridos perdidos, lamentando a desgraça da sua existência e seu destino adverso⁶” (RAVEGNANI, 2005: 7).

A reclusão no convento tornou-se menos rigorosa depois da morte de João e a ascensão de seu filho Manuel I em 1143, quando Anna pôde gozar de maior liberdade e recolher novos dados para a construção da *Alexíada* (RAVEGNANI, 2005: 8). Passa a estudar e a fomentar as letras e as ciências. Fez contatos com intelectuais bizantinos da época, como Jorge Tornices, Miguel de Éfeso e Eustratio de Nicea (ROLANDO, 1989, 17).

Rolando problematiza a data de falecimento da autora, Anna Comneno teria falecido em 1148 quando a *Alexíada* foi concluída ou por volta de 1153 e 1155, porquanto alguns selos marcados pela princesa foram datados desse período. Foi apenas no momento de sua morte

⁶ “ritornava con il pensiero ai giorni felici, ai suoi cari perduti, rimpiangendo le disgrazie della sua esistenza e il suo destino avverso”. [Trad. Nossa].

que a princesa tomou os hábitos, tornando-se freira (ROLANDO, 1889, 18).

A descrição dos personagens na *Alexíada*.

Anna Comnena escreve sua *Alexíada* após ter presenciado diversas amarguras e frustrações, contudo, ao se declarar uma historiadora, afirma prezar pela objetividade e veracidade, não permitindo que sua ligação pessoal com os personagens presentes em sua obra influencie o curso da narrativa:

Pois quando se assume o caráter do gênero histórico, é preciso esquecer os favoritismos e os ódios e adornar muitas vezes aos inimigos dos melhores elogios, quando suas ações o exijam, e outras muitas vezes desqualificar aos mais próximos parentes, quando os erros de suas ações o mandem. Pois não se deve hesitar nem em atacar aos amigos nem em elogiar aos inimigos⁷ (COMNENA, proêmio, 1, 3).

Apesar dessa busca por se afastar de seus sentimentos, Anna admite sua dor ao relatar a morte de alguns familiares, em especial a de seu pai. Nessa descrição, a autora admite transgredir as “normas da história” em razão da forte ligação afetiva que mantinha com seu genitor. Relata o sofrimento de Aleixo I e os procedimentos que ela e sua mãe fizeram para salvá-lo: “Dada que as dimensões do tema o requerem e

⁷ “Pues quando se assume el carácter del genero histórico, es preciso olvidar los favoritismos y los odios y adornar muchas veces a los enemigos de los mejores elogios, cuando sus acciones lo exijan, y otras muchas veces descalificar a los más cercanos parientes, cuando los errores de sus empresas lo manden. Por lo que no se debe vacilar ni em atacar a los amigos ni em elogiar a los enemigos”. [Trad. Nossa].

como filha amorosa ao mesmo tempo de meu pai e de minha mãe desde que nasci, vou transgredir as normas da história para referir um fato que não desejo em absoluto rememorar, a morte do soberano⁸” (COMNENA, XV, XI, 2).

Anna Comnena faz diversos elogios sobre a beleza física dos personagens descritos. Seus pais são retratados como exemplo de perfeição:

A aparência física de ambos os imperadores, Aleixo e Irene, era indescritível e sem igual. Um pintor que os contemplasse não poderia reproduzir a imagem desse arquétipo de beleza, nem um escultor poderia dotar tal harmonia à essência inanimada da pedra; e mais, até o famoso Canon de Policeto se converteu a todas as luzes em um objeto carente de graça ante a simples comparação dessas simples obras mestras da natureza, os recém coroados soberanos, com os trabalhos do legendário Policeto⁹ (COMNENA, III, III, 1).

Aleixo Comneno é constantemente elogiado, tanto como pai, quanto como imperador. Anna defende que o pai era predestinado por Deus ao poder. A exaltação da figura imperial era algo comum entre os bizantinos, o imperador vivia cercado de suntuosidades e cerimônias, era visto como um vice-deus cuja função era combater os infiéis e con-

⁸ “Dado que las dimensiones del tema lo requieren y como amante hija al mismo tiempo de mi padre y de mi madre desde que nací, voy a transgredir las normas de la historia para referir un hecho que no deseo en absoluto rememorar, la muerte del soberano”. [Trad. Nossa]

⁹ “La apariencia física de ambos emperadores, Alejo e Irene, era indescritible y sin igual. Un pintor que los contemplara no podría reproducir la imagen de este arquétipo de la belleza, ni un escultor podría dotar tal armonía a la esencia inanimada de la piedra; es más, hasta el famoso Canon de Policleto⁹ se convertiría a todas luces en un objeto carente de gracia ante sola comparación de estas obras maestras de la naturaleza, los recién coronados soberanos, con los trabajos del legendario Policleto”. [Trad. Nossa]

duzir à ortodoxia os hereges e os pagãos (DIEHL, 1961: 43; FRANCO JR; ANDRADE FILHO, 1985: 32). Também são exaltadas suas virtudes aristocráticas, como a habilidade de liderar o exército e sua força diante das hostes e de seus inimigos. Aleixo, segundo Anna, é um sábio, aquele que resolvia os problemas até na iminência da morte: “ele era superior aos demais em valor e inteligência¹⁰” (COMNENA, II, IV, 8).

A decepção sofrida por Anna pós o nascimento do irmão João Comneno é utilizada pela historiografia para explicar a maneira melancólica pela qual a historiadora compõe sua obra. O ódio pelo irmão não fica explícito na fonte, o que se pode levantar é o silêncio que Anna Comnena reserva ao descrevê-lo. Ao caracterizar seu pai e sua mãe não poupa palavras de enaltecimento, relata-os como sujeitos honrosos e inteligentes, além de belos fisicamente. Por outro lado, ao relatar sobre João, não há esse tipo de discurso laudatório. Rolando explica que Anna descreveu seu irmão recém-nascido com um certo toque malicioso que contrasta com as outras descrições que faz de pessoas queridas. “Anna não precisa atacar diretamente seu irmão, simplesmente, em uma inclinação de temperamento muito feminina, ignorá-lo e não elogiar seus trabalhos é o bastante¹¹” (ROLANDO, 1989: 13). Anna comenta brevemente sobre o nascimento de seu irmão, sem citar seu nome, descreve-o apenas fisicamente, não tece elogios sobre sua beleza, algo tão exaltado

¹⁰ “él era superior a los demás en valor e inteligencia”. [Trad. Nossa]

¹¹ “Anna no tiene que atacar directamente a su hermano, simplemente, en un sesgo de temperamento muy femenino, ignorarlo y no elogiar sus trabajos es bastante”. [Trad. Nossa]

em outros personagens (até mesmo em alguns inimigos como Bohemundo):

O menino [João] tinha a pele morena, testa larga, bochechas um tanto magras, nariz nem chato nem aquilino, mas mais ou menos entre ambos, os olhos bastante negros e deixando transparecer o caráter mais agudo que se pode adivinhar em uma pequena criatura. Com o desejo [...] de que este menino ascendesse ao trono imperial e deixar-lhe como herança o império dos romanos, o levaram à grande igreja de Deus e ali o batizaram e coroaram¹² (COMNENA, VI, VIII, 4-5).

[...] todo o conjunto de seu corpo [Bohemundo] não era nem magro nem sobrecarregado de carnes, mas excelentemente proporcional e conforme, por assim dizer com o Canon de Policreto [...]. Os olhos eram verdes e transpareciam simultaneamente seu temperamento e sua seriedade. [...] Adivinhava-se neste homem uma certa doçura a qual não podia expressar por todo o tipo de circunstâncias. [...] Sua conversa era inteligente¹³ (COMNENA, XIII, X, 4-5).

O pilar religioso é um fator de diferenciação bizantino. Anna interpreta a vitória do pai como causa da providência divina, não só pela posição imperial de Aleixo I, mas por ser um cristão ortodoxo (RO-

¹² “El niño [João] era de piel morena, frente ancha, mejillas un tanto descarnadas, nariz ni chata ni aguileña, sino más o menos entre ambas, los ojos bastante negros y dejando translucir un carácter todo lo agudo que puede adivinarse en una pequeña criatura. Con el deseo [...] de que este niño ascendiera al trono imperial y dejarle como herencia el imperio de los romanos, lo llevaron a la gran iglesia de Dios y allí lo bautizaron y coronaron”. [Trad. nossa]

¹³ “[...] todo el conjunto de su cuerpo [Bohemundo] no era ni enjuto ni sobrecargado de carnes, sino excelentemente proporcionado y conforme, por así decir, com el Canon de Policreto [...] Los ojos eran verdes y translucían simultáneamente su temperamento y su seriedad. [...] Se adivinaba em este hombre una cierta dulzura a la que no podía dar salida por todo tipo de terribles circunstancias. [...] Su conversación era inteligente”. [Trad. Nossa]

LANDO, 1989: 28). A ortodoxia é colocada como opositora do cristianismo ocidental. Os bizantinos são descritos como superiores aos latinos: “assim é o caráter de todos os latinos, ganancioso e acostumado a vender por uma recompensa até mesmo o mais querido¹⁴ [amigo]” (COMNENA., VI, VI, 4). Os latinos são, portanto, conhecidos como bárbaros, sem respeito ao imperador e aos costumes bizantinos. A autora explica que só escreve tais nomes bárbaros a fim de relatar os fatos, mas não é seu desejo, pois acredita que sua obra fica manchada por tais nomes gentios.

Ao descrever os acontecimentos que antecederam a chegada dos cruzados, Anna relata “maus augúrios” que se materializaram em gafanhotos que arrasavam os vinhedos do império. A princesa denuncia que havia pessoas que realmente ansiavam venerar o Santo Sepulcro, contudo, também havia “seres muito pérfidos, por exemplo Bohemundo e seus seguidores, que abrigavam dentro de si outras intenções, isto é, poder adaptar-se da cidade imperial¹⁵” (COMNENA, X, V, 10).

Rolando ressalta que se os latinos são exaltados por alguma vitória ou capacidade de luta é apenas uma forma de mostrar quão difícil era vencer o inimigo, elevando o mérito das vitórias de Aleixo I (ROLANDO, 1989: 26). Ao descrever Roberto Guiscardo, inimigo normando de Aleixo, Anna exalta sua valentia: “todo mundo conhece a valentia de

¹⁴ “así es el carácter de todos los latinos, codicioso y acostumbrado a vender por un óbulo hasta lo más querido”. [Trad. Nossa].

¹⁵ “seres muy pérfidos, por ejemplo Bohemundo y sus seguidores, que albergaban en su seno otras intenciones, es decir, poder apoderarse también de la ciudad imperial”. [Trad. Nossa]

Roberto, sua habilidade nas questões relacionadas com a guerra e a firmeza de suas decisões; não era, certamente, homem que se podia vencer facilmente, mas ao contrário, porque se mostrava mais valente nas derrotas¹⁶” (COMNENA, VI, VII, 7).

Debates historiográficos

A *Alexíada* foi escrita aproximadamente três décadas após a morte de Aleixo I, portanto, certamente não foi uma obra de propaganda para manter Aleixo I bem quisto no poder. Da mesma forma que não foi escrita para Anna alcançar a admiração do pai e ser escolhida para ascender ao trono. O que podemos supor é que a autora poderia ter a intenção de se afirmar como legítima herdeira do trono, mesmo que ao escrever a obra já estivesse afastada da possibilidade de se tornar imperatriz. Essa é uma das ideias discutidas por Emílio Dias Rolando, o autor defende que Anna só escreveu sua narrativa repleta de exaltação ao pai e ao esposo para anular os feitos do irmão, um exercício de pura retórica (ROLANDO, 1989: 20). Runciman discorda dessa ideia, não interpreta a *Alexíada* como uma obra de função crítica, intencionalmente escrita para atingir João II. O autor argumenta que todas as qualidades expostas pela filha de Aleixo I eram uma forma de mostrar que sentia um grande afeto pelo pai, objetivava demonstrar como o imperador era prudente,

¹⁶ “todo el mundo conoce la valentia de Roberto, su habilidad em las questiones relacionadas com la guerra y la firmeza de sus decisiones; no era, ciertamente, hombre al que se pudiera vencer fácilmente, sino todo lo contrario, porque se mostraba más valiente en las derrotas”. [Trad. Nossa]

escrupuloso e bondoso, e aquilo que o desfavorecesse não teria problemas em ser ocultado (RUNCIMAN, 1954: 319).

Tais elogios a Aleixo Comneno também são fatores de crítica quando se discute o fato da autora se apresentar como uma historiadora e como tal possuir um compromisso com a verdade. Anna declara ser objetiva e não deixar que seus sentimentos tomem o lugar da veracidade. A princesa dialoga com o leitor, desculpa-se frequentemente por desviar sua fala do fio da narrativa. Busca uma narrativa linear, cronológica. Quando dá sua opinião de maneira mais extensa, preocupa-se em justificar-se e declarar que rapidamente deve voltar ao foco da narrativa.

Emilio Díaz Rolando entende que tais elogios comprometem a intenção histórica da obra: “A Alexíada possui uma intenção histórica, mas é uma realização épica¹⁷” (ROLANDO, 1989: 26). Para explicar tal declaração Rolando argumenta que Anna teria a intenção de escrever um panegírico ao pai, mas sabia que se seguisse as linhas tradicionais desse subgênero, sua vida e seu trabalho não seriam suficientemente apresentados. Dessa forma, apesar de Anna definir sua obra como um relato histórico, Rolando defende que o resultado tem características épicas que até mesmo podem ser identificadas no título da obra ao se fazer uma aproximação entre os nomes *Ilíada* e *Alexíada*. Além disso, o autor argumenta que a obra é recheada de batalhas protagonizadas por Aleixo I cujos feitos são narrados de maneira grandiosa, Aleixo é representado como um herói. Tal característica remonta as epopeias em que

¹⁷ “La *Alexíada* posee una intención histórica, pero es una realización épica”. [Trad. Nossa]

as guerras eram protagonizadas por heróis que faziam atuações magníficas pelo bem do seu povo:

Nossa autora é mestra em opor uma e outra vez seu pai a situações que somente criaturas épicas podiam resolver bravamente e em todas sai na frente como um herói homérico. Na derrota Aleixo logra a salvação mediante atuações sobre-humanas; na vitória são seu valor, astucia e impulso que o levam ao triunfo¹⁸ (ROLANDO, 1988: 25).

Runciman discorda de tal argumento, entende a obra como um relato histórico e critica os autores que menosprezam a obra por seu conteúdo subjetivo. Defende Anna como uma legítima historiadora: “uma mulher inteligente, muito culta, e minuciosa como historiadora, tratava de comprovar as fontes¹⁹” (RUNCIMAN, 1954: 320). Ou seja, o autor valoriza o testemunho da filha de Aleixo I como uma fonte bizantina, independente da forma que foi compilada, lembrando sempre que não podemos analisar a ideia de história de Anna a partir de nossas referências contemporâneas.

Podemos supor que Anna se declarava como historiadora e detentora de conhecimentos sobre as “regras” da história – como a objetividade, compromisso com a verdade, imparcialidade –, com o intuito de legitimar seus relatos como verdadeiros. Ou seja, é como se o título de

¹⁸ “Nuestra autora es maestra en oponer una y otra vez a su padre situaciones que sólo criaturas épicas podrán resolver airoosamente y em todas ellas sale adelante, como un héroe homérico. En la derrota Alejo logra la salvación mediante actuaciones sobrehumanas; en la victoria son su valor, astucia y empuje los que llevan al triunfo”. [Trad. Nossa]

¹⁹ “una mujer inteligente, muy culta, y minuciosa como historiador, trataba de comprobar las fuentes”. [Trad. Nossa]

historiador legitimasse seu escrito como confiável, fiel à realidade. Porém, mesmo que a autora escreva com subjetividade, não se pode negar que de fato pesquisou diversas fontes a fim de escrever seu relato de maneira consistente, teve acesso aos arquivos imperiais (alguns documentos estão transcritos em sua obra) e em especial contou com testemunhos do pai, membros de sua família, cortesãos, chefes militares, soldados veteranos de seu pai e inclusive como testemunha ocular. Utiliza um método é comparativo, coloca os relatos orais frente a frente com os documentos escritos (ROLANDO, 1988: 26).

Outro ponto de destaque e que precisa ser melhor explorado pela historiografia é a vasta erudição da princesa. A *Alexíada* não apresenta uma mera descrição da vida de Aleixo I, é cercada de intertextualidades, em especial citações ou alusões aos clássicos gregos. O Império Bizantino se considerava a detentor e continuador de toda a cultura clássica. Anna, assim como todos os bizantinos que estudavam, conhecia os clássicos, porém, seu nível de saber ultrapassa o da maioria dos estudiosos em sua sociedade.

Era sinônimo de erudição apresentar tais conhecimentos. Dessa forma, com o objetivo de demonstrar sua formação intelectual, Anna cita diversos clássicos, mas nem sempre explicita o nome do autor, por vezes escreve: “segundo disse a tragédia”, “como dizia a amável poesia”. Rolando, ao pesquisar a autoria das citações feitas por Anna, explica que Homero é o autor mais vezes citado na *Alexíada*, por outro lado, Tucídides é o historiador clássico mais citado pelos trabalhos dedicados ao estudo dessa obra, por considerarem que Anna o utilizou como mo-

delo direto; no entanto, seu nome não é mencionado na *Alexíada* (ROLANDO, 1992: 30). Rolando defende que a autora seguiu determinados conceitos de Tucídides, mas discorda da ideia de que Anna o tenha imitado em algum aspecto: “a essência de seus espíritos são diferentes, porque diferentes eram suas sensibilidades e culturas²⁰” (ROLANDO, 1992: 44). De acordo com Rolando, a maior parte das citações que Ana fez de Homero eram apenas para transparecer sua erudição (ROLANDO, 1989: 21). É a partir dessa ideia que podemos supor que um dos objetivos pelos quais Anna escreve é seu desejo em demonstrar sua erudição e se afirmar como uma mulher de saber em um meio onde quem detinha o poder era oficialmente masculina.

Conclusões

Sabendo que Aleixo Comneno viveu durante o século XI e no início do século XII, podemos analisar a *Alexíada*, de maneira geral, como uma importante fonte sobre os fatos que transcorreram através desses séculos no Império Bizantino. De maneira específica, os relatos de Anna servem de fonte para que se reflita a respeito da posição de uma mulher de saber no medievo oriental, uma mulher com seu grau de erudição não era comum entre as bizantinas. Ser uma mulher limitava certas tarefas, mas sua posição de *porfirogênita* abriu novas portas, uma delas para o desenvolvimento intelectual. O que chama a atenção dos historiadores que estudam essa fonte é o fato da autora exaltar sua posição como his-

²⁰ “la esencia de sus espíritus son diferentes, porque diferentes eran sus sensibilidades y sus culturas”. [Trad. Nossa]

toriadora e em razão disso afirmar que possui um compromisso com a verdade. Esse texto permite uma reflexão sobre o que a autora entendia por *história* em pleno século XI e induz a uma discussão sobre o conceito de história contemporâneo que ainda é cercado pela ideia de objetividade.

Referências bibliográficas

Fonte:

COMNENO, Ana. *La Alexiada*. Traducción de Emilio Díaz rolando. Sevilla: Editorial Universidad de Sevilla, 1989.

Estudos:

BRÉHIER, Louis. *El Império Bizantino* - Vida e Muerte de Bizancio. México: Editorial Hispano AmericaAnna, 1955.

CAVALLO, Guglielmo (org.). *O Homem Bizantino*. Lisboa: Presença, 1998.

DÍAZ ROLANDO, E. La Alexíada de Anna Comnena. *Erytheia*, n. 9.1, 1988.

_____. Anna Comnena y la historiografia del período clásico: aproximacion a um debate. *Erytheia*, v.13, pp. 29-44, 1992.

_____. Estudio Preliminar. In: COMNENO, Anna. *La Alexiada*. Sevilla: Editorial Universidad de Sevilla, 1989.

DIEHL, Charles. *Os grandes problemas da história de Bizâncio*. São Paulo: Editora das Américas, 1961.

ECO, Umberto. *Arte e Beleza na Estética Medieval*. Trad. SABINO, Mario. RJ/SP: Editora Record, 2012

FEATHERSTONE, Jeffrey. Emperor and Court. In: JEFFREYS, Elizabeth; HALDON, John; CORMACK, Robin (Org). *The Oxford Handbook of Byzantine Studies*. New York: Oxford, 2008.

FERNANDES, Fátima Regina. Cruzadas na Idade Média. In: MAGNOLI, Demétrio

(org.). *História das Guerras*. São Paulo: Contexto, 2006. pp. 98-129.

FRANCO JR, Hilário; ANDRADE FILHO, Ruy de Oliveira. *O Império bizantino*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

GIORDANI, Mário Curtis. *História do Império Bizantino*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1968.

MARINELLA, Lucrezia. Niceta Coniata fonte dell'Enrico, ovvero Bisanzio acquistato (1635). In: *Incontri triestini di filologia clássica*, 4., 2004-2005, pp. 415-428.

MOLA, Alessandro. L'Alessiade di Anna Comnena: un repertorio bibliografico. *Porphyra*, n. 5, pp. 15-26, 2005.

NEVILLE, Leonora. Lamentation, History, and Female Authorship in Anna komnene's Alexiad. *Greek, Roman, and Byzantine Studies*, n. 53, pp.192-218, 2013.

NILSSON, Carina. Perspectives of Power: Byzantine Imperial Women. *The Graduate History Review*, Simon Fraser University, v. 1, 2009.

RAVEGNANI, Elisabetta. Anna Comnena principessa di Bisanzio. *Porphyra*, n. 5, pp. 8-17, 2005.

RUNCIMAN, Steven. *A Civilização Bizantina*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1961.

_____. *Historia de las Cruzadas: La Primeira Cruzada y la Fundación del Reino de Jerusalén* (vol. I). Madrid: Revista de Occidente, 1956.

TALBOT, Alice-Mary. A mulher bizantina. In: CAVALLO, Guglielmo (org.). *O Homem Bizantino*. Lisboa: Presença, 1998.

VRYONIS, Speros. *Bizâncio e Europa*. Lisboa: Editorial Verbo, 1980.

WALTER, Gérard. *A Vida Quotidiana em Bizâncio no Século dos Comnenos (1081-1180)*. Lisboa: Edição Livros do Brasil, 1970.

Recebido em: 27/05/2015

Aceito em: 13/09/2015